

## **O CORPO QUEER NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DE *DEIXEI ELE LÁ E VIM*, DE ELVIRA VIGNA.**

Autora: Catharie Brandão de Souza  
Orientadora: Prof. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues

*Universidade Federal de Campina Grande-UFCCG*  
[Cathariebs@gmail.com](mailto:Cathariebs@gmail.com)

A sociedade é complexa e está pautada em regras, condutas e conceitos que tendem a levar o indivíduo a se identificar como parte de um grupo, adquirindo atributos específicos para ser aceito; no entanto, nem todos se encaixam dentro dessa normatividade. O indivíduo trans há muito tempo tem sido visto como o diferente, o inadaptado e esquisito, e pouco espaço ocupa nas tramas ficcionais. O objetivo deste artigo é discutir a problematização encontrada na representação do corpo trans, a aceitação pelo indivíduo de sua condição, o estranhamento resultante da comparação entre o eu e o outro e as dificuldades encontradas nos embates dentro de sua comunidade de origem, tomando como *corpus* analítico o romance *Deixei lá e vim*, de Elvira Vigna. O livro aborda a trajetória na mudança de gênero de Shirley, que sofre desde criança com o estranhamento do próprio corpo e traumas que a marcam para o resto de sua vida; quando cresce este estranhamento se torna constrangimento na sua vida social, até que a consciência de si a liberta dos entraves impostos pela sociedade normativa. Nosso aporte teórico sustenta-se em Louro (1997, 1999, 2008); Butler (2015); Mott (2001); Freud (2016) e Foucault (1996). Com esta pesquisa busca-se compreender mais verticalmente a elaboração de personagens trans na narrativa contemporânea e as relações entre a composição desse tipo de personagem com questões que permeiam a sociedade contemporânea no que diz respeito ao confronto entre aceitação e subversão de imposições normativas sobre condutas sexuais.

Palavras chave: Corpo *queer*, Elvira Vigna, Gênero, Transexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

A literatura é uma das formas de expressão artística humana, ou seja, é uma das portas para conhecermos a nós mesmos e muitas de nossas atitudes, virtudes e idealizações, pautadas em um conjunto de regras representativas que fazem parte da cultura. Sendo assim, a literatura é um eixo essencial para a humanidade auxiliando no questionamento e na desconstrução de crenças e preconceitos, alimentando o público leitor de hoje com uma junção de ficção baseada na realidade e realidade baseada na ficção.

Podemos dizer que hoje a influência midiática ajuda ou destrói milhares de vidas e é por isso que é tão importante um corpo social que possa auxiliar o ser humano a desenvolver seu senso crítico perante o conhecimento que a literatura pode oferecer.

A literatura *queer* é elaborada com intuito de quebrar tabus, destruir preconceitos e conscientizar, através do campo ficcional, uma geração de novos leitores que possa ver que o diferente do já estabelecido como padrão é necessário para o desenvolvimento social, cultural e intelectual de uma sociedade. O que antes era considerado “esquisito” e incomodava, hoje é o que transforma o conceito de gênero essencialista em um termo aberto, conflitivo e plural a ser analisado e compreendido.

A literatura *queer* apresenta as bandeiras de luta, os anseios, a prejulgação, as subjetividades, as dificuldades e a realidade de quem não se encaixam nos limites das regras sociais ultrapassadas, que precisam ser adequadas ou transformadas flexivelmente para ajustar-se aos novos modos de vida, de relacionamentos e de conhecimentos disponíveis hoje.

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais. (LOURO, 1999, p. 6).

A literatura *queer*, apesar de ser muito importante para abrir brechas nos modelos canônicos do fazer literário, via de regra fechado em um campo no qual o autor homem, branco e sudestino predomina, hoje ainda é pouco abordada no Brasil, não porque é menor ou porque pouco se sabe sobre ela, na verdade falta espaço para divulgação, apoio editorial e acolhimento da crítica especializada. O preconceito com esta literatura na academia ainda é muito presente, a pauta precisa ser abrangida, pois o descompasso entre os estudos literários e a produção ficcional continua em evidência. O livro de Elvira Vigna *Deixei lá e vim* nos mostra um pouco desta realidade: na literatura e na vida fora dos textos a discussão sobre o sujeito *queer* é escamoteada e tende a ser alijada das salas de aula, por isso hoje é relevante a discussão sobre ele, também por ser um romance contemporâneo inovador em nossas letras, elaborado com claro propósito de colocar em discussão moralidades, preconceitos e essencialismos.

## **METODOLOGIA**

O livro *Deixei ele lá e vi*, de Elvira Vigna, foi escolhido para formulação deste artigo após estudo minucioso da obra na disciplina de Ficção Contemporânea, na Universidade Federal de Campina Grande, ministrada pela professora Rosângela de Melo Rodrigues, no semestre 2017.2.

A metodologia utilizada para elaboração deste trabalho é norteada por uma perspectiva analítica e qualitativa, caracterizando-se quanto ao procedimento como bibliográfica.

Busca-se por meio do estudo interpretativo e crítico da obra em questão demonstrar a representação do corpo trans numa sociedade formulada sobre moldes essencialistas no trato das questões de gênero, ou seja, buscamos mostrar como ela se vê. Isso é possível de identificar através da construção narrativa, principalmente do papel da narradora, e da averiguação das atitudes e das subjetividades das personagens Shirley (mulher trans) e Meire (mulher lésbica), que na trama apresentam identidades de gênero não normativas e sempre conflituosas; a protagonista narra aos leitores a sua longa e fragmentada passagem da identidade de gênero masculina, para a de mulher trans e, finalmente, para a lésbica, quando assume a relação cheia de resistências de ambos os lados com Meire no final da trama.

A literatura contemporânea está pautada em um elo entre realidade e ficção, o que facilita a identificação de seu conteúdo fora das tramas. Sabemos que a literatura não tem a função de retratar a realidade e nem toda realidade inspira a literatura, mas estão quase sempre juntas hoje; sendo assim, especificamente no livro em questão, o texto literário é uma porta para que as pessoas que não tem acesso às informações corretas sobre trans tenham a oportunidade de conhecer a trajetória da vida de uma e possa compreender o quanto é difícil conviver em uma comunidade onde o estranhamento sobre o universo LGBTs está presente em todos os lugares e se torna comum a comparação entre a tradição e o novo ocasionando dificuldades de aceitação própria e fortalecimento da empatia. Entretanto, é ponderoso lembrar que não se deve agregar uma interpretação unívoca, já que a linguagem nos impõe várias interpretações defronte o texto literário.

A literatura é uma seriedade prazerosa, isto é não é seriedade de um dever que deve ser feito ou de uma lição a ser aprendida, mas uma seriedade estética, uma seriedade de percepção. Na prática literatura evidentemente pode tomar o lugar de muitas coisas, da viagem ou permanência em terras

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

estrangeiras, da experiência direta da vida vicária e pode ser usado pelo historiador como documento social. [...] A experiência de valor singular na literatura é básica para qualquer teoria, referente à natureza do valor nossas teorias mutáveis tentam progressivamente fazer mais jus à experiência. A verdade na literatura é o mesmo que é verdade fora da literatura, isto é conhecimento sistemático e publicamente verificável o romancista não tem nenhum atalho mágico para esse presente estado de conhecimento nas ciências sociais, que é constituir a verdade contra qual deve ser confrontada sua realidade ficcional. (WELLEK, 2003, p. 26-29).

A autora afirmou diversas vezes em entrevistas que todas as narrativas de seus livros são baseadas em histórias reais, de pessoas que passaram por sua vida e que compartilham de momentos com ela, e neste caso temos aqui a realidade, ou pelo menos parte de acontecimentos reais, que foram narrados com sutileza por Elvira Vigna. Durante a construção do livro a autora mudou-se para um hotel de luxo em frente a favela do Vidigal, e até subiu algumas vezes a favela para construir a realidade da personagem principal; por esses fatos a obra pode ser vista como autoficção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *DEIXEI ELE LÁ E VIM: UM MUNDO COMPLEXO DE ENCONTROS ENTRE ALMAS*

O enredo se passa no Rio de Janeiro, mais precisamente entre a favela do Vidigal e um hotel de luxo, no qual Meire trabalha e Shirley se perde. Shirley é a personagem protagonista e é quem narra toda a história; ela é uma trans que se encontra desempregada, se vê desiludida da vida e passa seus dias sem rumo, entre o restaurante em que Meire trabalha, a praia de frente ao hotel e o banheiro do restaurante, que é símbolo de sua decadência física, poderia dizer seu divã, pois é lá onde ela para, pensa, questiona todos os seus valores, toma ciência de sua extrema solidão, das rejeições continuadas de que é vítima e se sente um nada, como as bactérias do banheiro.

Durante a trajetória nesse momento frágil e depressivo de sua vida, a protagonista se fragiliza, tenta achar uma saída mais fácil da zona de turbulência que marcava sua vida até então, questiona por qual razão os outros não conseguiam enxergá-la como o que de fato ela era, uma mulher, e chega a se prostituir quando surge a oportunidade, mantendo relações com heteros casados, abusadores, que a humilhavam tanto quanto os estranhos com quem ela esbarrava no hotel e na vida. E a história se

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

passa com foco neste fato: Shirley lembrando de fatos que ocorreram em sua transição de gênero e o que fez com sua vida depois que assumiu quem era desde sempre; para isso se utiliza de metáforas, comparando sua vida a uma comida que lhe fez mal e terminou por vomitar; esse vômito é o escancaramento das decepções diante de sua realidade. Num primeiro momento da trama ela se encontra clivada, comparando-se com mulheres e homens cis, tentando entender a sua condição de estranha em todos os lugares, principalmente na família e no trabalho, onde ela sempre era preterida, e começava a associar o fato de ser substituída por mulheres menos competente com sua condição de gênero. Shirley não era aceita mais como sendo homem, e nem ainda como sendo mulher, e nesse espaço transitório ela expressa toda a dor de habitar um corpo *queer*. Após esse momento em que Shirley apresenta os conflitos de sua situação de gênero, que para o leitor só é de fato revelada ao final da trama, ela começa a contar a história principal do enredo.

Shirley está na praia com as amigas Dolores e Meire, bebendo e se drogando constantemente, quando Dolores é assassinada. Esse acontecimento desencadeia o suspense, a busca do corpo, da motivação e do assassino.

O tempo transcorre e a protagonista continua a vida como se nada tivesse acontecido, convivendo com o produtor de filmes Bubi, que conheceu num teste, e que está fazendo gravações no hotel. No final o que sabemos é que quem matou Dolores foi Meire, e Shirley presenciou e nunca mais esqueceu, mesmo depois que passou muito tempo e todos já tinham esquecido.

A autora aborda no livro situações que estão ao nosso redor e que se abrem como janelas para pessoas que passam por situações difíceis, sejam psicológicas, físicas ou econômicas, como o afastamento da família motivado por condições de gênero não normativas e o encontro com as drogas. Neste livro tudo isso é vivido com mais intensidade, já que se trata de uma trans numa sociedade preconceituosa e incoerente diante de seus próprios conceitos sobre quem é a trans e até onde vai o limite da liberdade de ser quem se é.

O ponto alto da trama é a reconstrução identitária da protagonista, através de fluxos de consciência intermináveis, do embate com os que se encontram no seu entorno, do apelo às memórias de sua vida e à observação dos demais, pessoas socialmente tidas como ajustadas sexualmente, mas que às escondidas se revelavam subversoras dos padrões heteronormativos, como os homens casados que a procuravam para programas.

A narradora se sente invisível e diminuída perante as outras pessoas por ser uma trans, e não estar de acordo com aquele grupo

social; por isso, quando fala parece não estar falando nada, produzindo solilóquios, delírios dissociativos ou passa a impressão de estar falando em outro idioma. Isso fica presente em várias partes do livro em que ela se manifesta dando indícios sobre a morte de Dolores, mas ninguém a escuta, como podemos ver quando Shirley tenta jogar a culpa em Bubi “Eu... eu estava no caramanchão, ontem a noite, vi quando você, o senhor, desceu até a areia. Foi logo depois de a moça passar(...). Continuam me olhando como se eu falasse uma língua estrangeira”. (VIGNA, 2016, p. 88).

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso como - a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é também aquilo que é objeto de desejo; é visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar. Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão, não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso numa posição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça não podendo autenticar um ato ou um contrato não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa permitir a transubstanciação e fazer do pão corpo, pode ocorrer também em contrapartida que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

Por mais difícil que pareça a situação de uma pessoa que tenta se realizar ao assumir sua condição de gênero, sempre pode ser mais complicada. Shirley gosta muito de Meire, as duas tem uma relação homoafetiva secreta, conflitiva, e já se conhecem há muito tempo, por isso estão sempre próximas. Estão ligadas emocionalmente, se amam, e as coisas que aconteceram com Meire refletem muito em Shirley. Meire é de origem pobre e passa por dificuldades constrangedoras, mas dentre muitas há uma situação vivida quando criança muito marcante em sua vida:

Meire tem um boneco de pano a quem deu o nome de Richard, assim em Francês. Ricardo já estaria bom. Mas Richard é ainda melhor e faz Meire lembrar um turista que uma vez apareceu por lá e foi gentil com ela. Meire não larga o boneco para nada. Um dia as crianças tocavam Meire. Jogam Richard de braços no esgoto e ficam rindo. Meire se diz para não chorar. Diz para as crianças que não tem importância. Sacode os ombros para provar. E se vira rápida de costas. Começa então o caminho que não terminou até hoje, enquanto se esforça em não tropeçar, mesmo sem conseguir ver para onde vai, pois as lágrimas afinal tinham chegado. [...] Parte desta história pode não ter sido de Meire. Hoje de uma certa maneira, passou a

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

ser. Fui completando as coisas com o que vivi. E com o que entendi baseada no que sabia de mim- e dela. Acho que não tem outro jeito. Nem sei quantas vezes ainda vou – vamos – refazer tudo isso. (VIGNA, 2016, p. 66-67).

É exatamente esta situação que leva Meire a matar Dolores, o reflexo de um trauma que a faz se sentir diminuída diante de Dolores, a quem ela secretamente amava e invejava, pois para ela Dolores tem o corpo perfeito como aquele boneco que ficou na lama.

O afeto permanece num estado “estrangulado”, e a lembrança da experiência a que está ligado é isolada da consciência. A partir daí, a lembrança afetiva se manifesta em sintomas histéricos, que podem ser considerados como “símbolos mnêmicos” - vale dizer, como símbolos da lembrança suprimida (ver em [1]-[2]). Sugerem-se duas razões principais para explicar a ocorrência desse resultado patológico. Uma delas é que a experiência original ocorreu enquanto o indivíduo se encontrava num particular estado de dissociação mental, descrito como “hipnoide”; a outra é que o “ego” do indivíduo considerou essa experiência como sendo “incompatível” com ele próprio e, portanto, ela teve de ser “rechaçada”. Em ambos os casos, a eficácia terapêutica do método “catártico” é explicada com base nos mesmos fundamentos: se a experiência original, juntamente com seu afeto, puder ser introduzida na consciência, o afeto é por si mesmo descarregado ou “ab-reagido”, a força que até então manteve o sintoma deixa de atuar, e o próprio sintoma desaparece. (FREUD, 2016, p. 9).

Acontece que essa repressão em determinadas pessoas se torna uma obsessão constante por sentirem prazer, ao reviver a situação machucando os outros e a si.

Além de tudo que é abordado nesta obra tem um aspecto muito interessante que é o não lugar; Shirley vive sempre sem rumo, não sabe para onde vai, nem como vai ser sua vida, apenas vai agindo de acordo com o que aparece e o pior é que ela tem consciência deste espaço vazio que triangula seus dias, como ela mesma diz na página 17.

Quando se anda para lugar nenhum é preciso estabelecer destinos secundários, falsos. Por exemplo, dizer para si mesmo: vou até aquele ótimo posto da avenida, seguindo pelo contorno da praça. É mentira, e você sabe que é mentira, pois os destinos falsos se dissolvem a medida que você se aproxima deles. Você na verdade, não vai para o último posto da avenida, vai para lugar nenhum. No momento em que fica óbvio que não é para lá que você vai, estabelece-se outro destino, um pouco mais além. (VIGNA, 2006, p. 17).

## *OS LIMITES DO CORPO NO CONTEXTO SOCIAL*

O corpo é a nossa estrutura física, para alguns a coisa mais importante, pois a estética corporal é um elemento muito valorizado no mundo contemporâneo e é diretamente

influenciado por um elemento categorizador chamado mídia.

O livro aborda o corpo como um dos aspectos de acesso a determinados grupos; atualmente isso tem se tornado tão importante que as pessoas tentam se adequar modificando seus corpos colocando silicone ou fazendo cirurgias caríssimas que podem custar suas vidas, mas ser aceito é um aspecto do ego que levanta a auto estima e deixa a pessoas feliz. Isso é levado em consideração quando a obra aborda Shirley em determinados ambientes como a piscina do hotel ou no restaurante com mulheres bonitas lhe rodeando, todas com cabelos longos platinados, acinturadas, usando roupas sensuais, com nádegas e seios avantajados, ou seja, tudo o que ela, vivenciando a transição de gênero, não podia ou não queria ainda ostentar.

Desde sempre marcar a identidade de gênero no corpo e nas vestimentas foi considerado importante. A sociedade brasileira, retratada na trama, é pautada em uma estrutura conceitual antiquada derivada de uma formação transmitida culturalmente de geração a geração, estabelecendo como normais atitudes e ideias únicas que através dos tempos continuam ativas; normalmente essas regras e formulações são conhecidas em uma única palavra: tradição.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências das normas valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos, o formato dos olhos, nariz ou da boca, a presença da vagina ou do pênis, o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marca de raça de gênero, de etnia até mesmo de classe de nacionalidade. (LOURO, 2008, p. 75).

A obra em análise elenca várias vezes a importância que o corpo representa na sociedade, principalmente na vida do trans. Shirley apresenta as consequências que isso faz na sua vida continuamente. Shirley vê Meire como um espelho, pois ela consegue se ajustar melhor socialmente, inclusive assegurando um emprego importante de gerente de hotel de luxo. O acontecido descrito na infância de Meire marca demais a questão do corpo para Shirley, e durante toda a sua vida ela fica tentando se encaixar dentro dos padrões e parecer com as outras mulheres, não só como Meire.

Primeiro ela se sente diminuída pela forma como acredita que as pessoas a veem, e o espelho que traz à tona esta realidade é a Meire, como vemos logo na pagina 7 do livro “olha para meus peitos chatos. Ridículos, os

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

peitinhos. Quase ouço: e quando é que vai aumentar esse siliconezinho, que, aliás, esta torto?.”

Entre as lembranças de Shirley ela também mostra sua frustração sobre o seu corpo na pagina 11. “Minha infância infeliz, a injustiça do mundo, o porquê de eu não ter nascido loirona”. E mais à frente, na página 19 da edição que utilizamos, ela se sente invisível e diminuída diante da beleza das outras mulheres: “As lindas loiras que estão atrás de mim e que, portanto não consigo ver continuam por lá. Passam sem fazer ruído entre minhas costas (suadas, apesar do frio) e a parede onde minhas costas se encostam”.

A trans percebe que o estereótipo estabelecido pela classe de mulheres a exclui do seu meio fazendo com mesma não se encaixe no padrão pré-estabelecido culturalmente; nada que ela faça é suficiente para lhe caracterizar como alguém com atributos femininos, para fazê-la igual às mulheres com as quais ela convive. Esta comparação mostra o quanto o corpo, por imposição da tradição e da cultura local, é um aspecto importante para Shirley se sinta aceita no meio social.

Nesta hora vejo, pela primeira vez, que Dô tem uma bunda enorme. Não tinha reparado antes, na única hora em que ela esteve de pé, na minha frente, ao chegar. [...] Na hora, o que me vem é um desgosto por Dorothy conhecer o caminho. Fico vendo sua bunda marrom se afastar. Parece bolo preparado em batedeira, com volumes de massa marrom, chocolate e baunilha? A subir e descer, molemente. [...] Não iria falar em imagens de bunda, a bunda na calça marrom, flutuando em ondas, que era a única coisa que estava na minha cabeça, ocupando ela toda e me fazendo suar, mais e mais, a cada minuto. Porque falar isso não teria nenhum sentido. E não tem até hoje. (VIGNA, 2006, p. 35-48-107).

A formação identitária de Shirley é paulatinamente desestruturada pelo contexto social; ela fala o tempo inteiro que está perdida, que não sabe para onde vai. Ela não tem amigos além de Meire, não tem contato com a mãe, a irmã não está viva; em sua vida falta um apoio familiar, falta orientação, e falta apoio de pessoas semelhantes a ela na questão de pertencimento a gênero não normativo para que ela se sinta acolhida dentro de um grupo e não excluída, sempre ignorada pela sociedade. Diante dessa situação ela fica entre a praia, o hotel e a favela, sem dinheiro e sem rumo. A sociedade a faz sentir-se invisível, estranha, anormal, levando-a formular caminhos falsos para ter sentido o caminho que ela estava trilhando:

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 1997, p. 63).

Depois de observamos todas essas construções de sentido que a protagonista apresenta, comparando-se com as outras mulheres, todo o sofrimento que passou quando criança e quando adulta, acreditamos que a morte de Dorothy iria desestabilizá-la mais ainda, mas ela continua com a mesma vida, porem isso serviu para que ela se visse com outros olhos; ela percebeu que não era esquisita, as outras pessoas é que não conseguiam lhe compreender. Ela, no embate com o heteronormatismo, se fortalece e toma consciência do seu poder, de sua verdade: “Não sou eu a esquisita. É o mundo.” (VIGNA, 2016, p. 126).

Shirley sabe que as pessoas vão continuar olhando-a da mesma forma até mudarem seus próprios conceitos sobre o corpo: “As pessoas que olharam Bubu, me olham, sempre um desconforto, nem precisava ser nessas circunstâncias.” (VIGNA, 2016, p. 129). Ela também sabe que o desconforto com seu corpo só vai mudar quando se aceitar sem se importar com a opinião dos outros:

Tião nada sabe e ficará sem saber como nasceram, há muitos anos, eu ainda adolescente, a Shirley Marlone, os óculos escuros – que, aliás, ainda uso (não posso impedir que me olhem, mas posso impedir que vejam meu olhar, não é a mesma coisa mais ajuda.) E também os seios de silicone que estou pensando em tirar. Afinal estão tortos. (VIGNA, 2016, p. 143)

As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam o atravessam esses limites ficam marcados como corpos- sujeitos – ilegítimos, e imorais ou patológicos. Apesar de todo esse investimento, os corpos se alteram continuamente. Não somente sua aparência, seus sinais ao seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem ainda ser negados ou reafirmados, manipulados, alterados, transformados ou subvertidos. As marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisória, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relação de poder. Os esforços empreendidos para instituir a norma nos corpos (e nos sujeitos) precisam, pois, ser, constantemente, reiterados, renovados e refeitos. (LOURO, 2008, p. 82)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *queer* (o estranho, o esquisito, o diferente, o desconhecido) é exatamente um aglomerado de estereótipos subjetivos que compõem uma pessoa, nada além de uma pessoa como as outras que tem suas próprias convicções e sua condição de gênero não normativa, unidos em um jeito único de viver. Romper com as normas de padronização de gêneros não é fácil, mas a literatura *queer* vem exatamente romper barreiras e facilitar, através do conhecimento, a aceitação do diferente, mesmo que por vias autofuncionais, como é o caso da obra em pauta.

Na obra a relação homoafetiva que existe entre Shirley e Meire é perfeita emocionalmente, no entanto eivada de conflitos em razão de imposições sócio culturais; elas se apoiam, até mesmo como cúmplices de um crime, e o corpo não é problema para o amor, mas sim um divisor de águas para quem vê além da identidade de gênero. Elvira Vigna nos deixa a lição de que estranhos são os que determinam as condutas sexuais, a padronização dos corpos e as subjetividades para todo o corpo coletivo, sem considerar as subjetividades e a liberdade.

O corpo, como a autora mostra durante toda a trama, é construído culturalmente; não é apenas uma distinção de gênero biológico que constrói a identidade de cada um, e qualquer identidade de gênero será sempre espaço de clivagens, ambivalências e testes de resistência. Na obra fica claro que o reconhecimento, a compreensão, a aceitação e o auxílio da estrutura familiar relativos à pessoa trans constrói a base para para que ela consiga se empoderar, derrubar barreiras e vencer o preconceito.

Chegamos ao final de um conflito existente entre o corpo e a construção da vida de Shirley em uma sociedade marcada pelo conceito cultural normativo de gênero e representação do corpo. O livro nos mostra que a parte difícil é mudar esses conceitos e valorizar a trans como ser humano livre para escolher o que quer para si, e que estranho é alguém ser assujeitado, invisibilizado, por assumir o que seu corpo exige em termos de sexualidade.

A literatura *queer* é complemento essencial para que essas informações sejam consideradas importantes; a leitura e a produção de obras que discutem as condições subjetivas de modo não normativo diminuirá consideravelmente o preconceito e o desrespeito com pessoas antes tidas como estranhas.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Estudos feministas. Florianópolis, 2015.

FOUCAUT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de France**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19º ed. Edições Loyola: São Paulo. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós - estruturalista**. – Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Ed. 1. Belo Horizonte: Autentica 2008.

MOTT, Luis. **A revolução Homossexual: o poder de um mito**. Revista da USP, nº49 (Dossiê Política & Participação). 2001.

SGMUND, Freud. **Além do Princípio do Prazer**. Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922) Standard Brasileiros, 1ª edição, Vol. XVIII.

SGMUND, Freud. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Tradução: Laura Barreto. Revisão de tradução: Paulo César de Souza. Obras completas volume 2.

VIGNA, Elvira. **Deixei ele lá e vim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WELLEK, René, WARRENT, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Leitura Crítica. Tradução: Luis Carlos Borges. Revisão de Tradução: Silvana Vieira. 1. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2003.